



antropofagia ~~an~~arquista





nós que vivemos com vocês
vocês que habitam em nós

jaime cubero, 1927-1998
antonio martinez, 1915-1998
roberto freire, 1927-2008





verve

Jaime e seu jardim

doris accioly e silva*

no ofício múltiplo
de sábio e sapateiro
um homem se cria
palmilhando pregos, sonhos,
lutas e sentidos
nascidos da dura dignidade da matéria

seu olhar de horizonte
abraça o perto que foge
em invisível delicadeza
e o que nos acena lá longe
como impossível e alheio
sendo nosso residente

* Doris Accioly é Doutora em Sociologia e professora na Faculdade de Educação da USP.

verve, 14: 251-268, 2008

251



no ouvir
acolhe o outro
que então se reconhece
a palavra em alteridade
é maré de epifanias

convive com os bens simbólicos
que lhe chegam através das eras
como pássaros e constelações

cultiva estranhas flores no limiar dos abismos
na improvável praia pressentida
entre o horror , o cosmos, a radical liberdade
e a mais terna compreensão dos seres.

o arco teso da anarquia

gustavo ferreira simões*

Roberto Freire: anarquista, escritor de *Cléo e Daniel*, *Coiole*, *Os cúmplices*, *Ame e dê vexame*, *Sem Tesão não há solução*, *Viva eu viva tu*, *viva o rabo do tatu*, de peças de teatro, novelas, poesias, revistas, programas de televisão, cinema. Não submeteu sua existência ao governo do Estado nem a outros governos sobre a vida. Escreveu em todos os cantos possíveis, sob cada nesga, que mesmo sob diversas formas de autoritarismo nas relações, pessoas que se amam livremente despertam costumes liberadores. Inventou a *Somaterapia* no final dos anos 1960, como resistência ao regime militar no Brasil, prestando auxílio psicológico e financeiro para a manutenção das famílias de militantes clandestinos vitimadas por fuga, prisão ou morte. Incorporou a seu modo o *tesão*, palavra que corria na língua dos jovens, para afirmar seu *anarquismo somático*, que não apartava da batalha prazer e paixão. Apreciador da beleza e da alegria no movimento dos corpos, no sexo solto, Roberto Freire temperou o anarquismo com sensualidade, lutando, corajosamente, de peito aberto, como se diz na capoeira. A presença do seu pensamento singular na universidade, em pesquisas, encontros, cursos, provoca a irrupção de experiências imperdíveis, na carne de quem, deliciosa e libertariamente se envolve neste outro jeito de se fazer política. Algo em nós fica mais forte

* Mestrando em Ciências Sociais na PUC/SP e pesquisador no Nu-Sol.

no contato com esta existência *protomutante*, anuncia-
dora, cúmplice, parceira, amiga e guerreira. Existência
que habita hoje quem vive interessado na vida com a
vida nos excessos, convite irresistível para curtir teso o
arco da anarquia.

Saúde, Tesão e Anarquia.

antonio martinez (1915-1998) e jaime cubero (1927-1998)

nildo avelino*

Para o anarquista, o exemplo é a melhor das pro-
pagandas, e a vida anárquica a melhor obra. Como se
o caminho trilhado através dos preceitos fosse longo
e árduo em comparação ao breve percurso dos exem-
plos. E talvez tenham sido os anarco-terroristas quem
mais tenham enfatizado a conduta enérgica, exemplar
e resoluto, contra os embates meramente discursivos, e
afirmado no estampido de uma explosão o meio de fazer
ouvir surdos. Fizeram de seus corpos um suporte para
sua propaganda, modelaram seus gestos e estilizaram
suas vidas de maneira a perdurarem no tempo. Rejeita-
ram a separação entre discurso e existência anarquista
e imortalizaram-se na obra de suas próprias vidas.
Por isso, nada entenderam esses que confundem esté-
tica da existência com o quietismo da vida burguesa e
confortável: o que há de mais incômodo, e perigoso, do
que engajar a própria vida num estilo singular? O que
é mais arruinador do que passar disso que os gregos
chamavam de vida inautêntica, porque irrefletida, para
uma vida autêntica e refletida? É certamente mais fácil

* Doutor em Ciência Política e integrante do Centro de Cultura Social.

deixar-se absorver inteiramente na militância política, na preparação revolucionária. Mas são raros, muito raros, os que, ao preparar a revolução, revolucionam a si mesmos.

Antonio Martinez e Jaime Cubero foram estilos de liberdade; fizeram do anarquismo um exercício do pensamento, da vontade, de todo seu ser, procurando alcançar um modo de existir praticado a cada instante e destinado a transformar toda a vida. É dessa maneira que é preciso referir-se a eles. Mas gostaria de fazer de maneira que a dura recordação de amigos perdidos fosse igualmente doce. Ninguém desejaria recordar pelo pensamento o que no pensamento se pensa com dor. Façamos, então, como dizia o poeta, de modo que a lembrança dos amigos contenha doçura e frescor, assim como certos frutos possuem uma agradável aspereza, assim como agrada o amargor de um vinho envelhecido. Ao recordar amigos que perdemos, a tristeza tem qualquer coisa de doce quando vem ao pensamento seus discursos prazerosos, suas companhias alegres, seus afetos atenciosos. Quando eram presentes, sabíamos que iriam; agora que foram, parece-nos ainda tê-los conosco.

Martinez foi o primeiro velho anarquista que conheci, dividi com ele a função de tesoureiro do Centro de Cultura Social, CCS. Era avesso à publicidade e negou-me várias vezes seu depoimento. Mas quando finalmente consentiu, foi internado, vindo a falecer em 29 de outubro de 1998.

Levado pela primeira vez à Federação Operária de São Paulo, FOSP, aos 14 anos, o conheci em 1991 aos 76 anos (eu contava com 17). Pairava sobre ele sua lendária participação no confronto armado entre anarquistas e integralistas, na Praça da Sé em 1934. Mas jamais falava sobre o assunto, procurando evitar manifestações de bajulação. Todavia, recordo-me bem como o ouvi falar uma única vez. Encontrava-me em um *meeting* na Praça Ramos por ocasião das comemo-

rações do 8 de março; avistei Martinez próximo a uma animada roda de discussão entre militantes da esquerda. Inadvertidamente, um velho comunista começou a elogiar o Conde Crespi como importante personagem industrial responsável pelo desenvolvimento paulista. Inquieto, permaneci calado esperando Martinez contradizer o orador; o que não ocorreu. Me vi na oportunidade de relatar os conhecimentos que tinha dos atos desse Conde e como levaram à explosão da greve de 1917. Incomodado com minha impertinência, o velho retrucou que faltava-me experiência para discutir tais assuntos. Do silêncio, Martinez irrompeu. Enrijeceu o dedo e, como se lhe tivesse tocado o nervo, falou duramente: “Eu tinha dezessete anos quando empunhei uma arma na praça da Sé!”. A discussão cessou depois de um silêncio incômodo.

Sua participação no CCS data provavelmente de 1945, com a reabertura após a ditadura getulista. Porém, deve-se a seu trabalho pessoal a organização minuciosa de um vasto acervo, o restauro de velhos documentos e a conservação de um material valioso pertencente ao Círculo Alfa de Estudos Históricos (Grupo Projeção). Martinez, sua irmã e uma sobrinha, habitaram durante anos a sede do arquivo, uma velha casa assobradada na Rua Gonçalves Dias, no Brás. Por alguns meses fomos vizinhos, quando então morava em uma pensão na Rua Marcos Arruda, por volta de 1996. Costumava visitar Martinez quase todos os dias no cair da noite. Mostrava-me o material e queixava-se da falta de apoio; fazia questão de narrar minuciosamente suas técnicas de restauro: comprava papel arroz em casas de aeromodelismo no centro da cidade e, com cola especial, fazia os remendos necessários em jornais amarelados. Em seguida, cobria-os completamente, folha por folha, com cera de abelha, dizendo que, além do efeito impermeabilizante, protegia contra a ação de insetos. Dizia, com muita decepção, que eu era uma das poucas pessoas que se interessava por seu trabalho.

Após o falecimento de Jaime Cubero, “seu melhor amigo” no dizer de sua sobrinha, Martinez entristeceu e caiu doente. Acamado em um leito improvisado de tijolos, em minhas visitas pedia-me algum volume de jornal que havia encadernado para ler e fazer ainda eventuais reparos. Em uma dessas visitas, levantou-se com dificuldade, apanhou uma caixa de sapatos, abriu-a e retirou um velho revólver: era a arma empunhada contra integralistas em 1934. Transferido para um leito do hospital do Jabaquara, faleceu aos 83 anos.

Ao contrário de Martinez, Jaime Cubero foi um anarquista conhecido. A longa trajetória de militante do CCS, também iniciada em 1945, colocou-o na convivência de velhos anarquistas tais como Edgard Leuenroth, Rodolfo Felipe, João Penteado, Adelino de Pinho e Pedro Catalo. Em 1954 foi convidado por Leuenroth para trabalhar no jornal *O Globo*. Viaja para o Rio de Janeiro onde mantém relações com o velho anarquista carioca José Oiticica. Em *O Globo* vive um episódio curioso. No ano de 1963, os gráficos do jornal declaram greve e os jornalistas aderem em solidariedade. Jaime engaja-se na greve e logo é nomeado para a comissão de salários. Ocupava na época o cargo de subchefe do arquivo de redação, fato que o tornava bem conhecido de Roberto Marinho. Com a demissão de oitenta jornalistas, o presidente do sindicato marca uma reunião com os demitidos. Roberto Marinho condiciona a readmissão dos trabalhadores a uma confissão escrita por eles em que declaravam ter cometido falta grave, arrependimento e a promessa de não incorrer em outras faltas. Marinho assegurava não utilizar a confissão junto ao Ministério do Trabalho, mas se reservava o direito de mostrá-la aos demais trabalhadores de *O Globo*. Jaime foi tomado pelo que chamava de “santa fúria”. Afirmou sua participação e envolvimento em todos os episódios grevistas e sustentou a incompatibilidade salarial da profissão. Marinho, ruborizado, retrucou que Jaime tinha “agido muito mal”. Depois de algum tempo, para sua surpresa, Jaime recebe um comunicado do superintendente

de *O Globo* solicitando seu comparecimento à Redação. Propuseram-lhe sua readmissão, Roberto Marinho tinha simpatizado e considerado sua atitude digna. Mas Jaime recusa. Dias depois, o superintendente do jornal insiste, e nesse momento Jaime responde consentir com sua readmissão mediante declaração escrita de Roberto Marinho afirmando seu engano em ter demitido os jornalistas e prometendo não mais fazê-lo. Jaime assegurava não utilizar a declaração no Ministério do Trabalho, mas se reservava o direito de mostrá-la a todos os demitidos. E assim terminou sua epopéia de jornalista no Rio de Janeiro.

De volta a São Paulo, engaja-se arduamente nas atividades do CCS. Foi um dos fundadores de uma das melhores iniciativas da segunda fase do CCS, o “Laboratório de Ensaio”, inaugurado em junho de 1966. Estabelece forte ligação intelectual e afetiva com o filósofo Mário Ferreira dos Santos, envolvendo-o nas atividades do anarquismo paulista. Com o Laboratório de Ensaio e as iniciativas de Jaime, seu irmão Francisco e Waldyr Kopesky, o CCS ganha um revigoramento sem precedentes. Organizam um teatro de arena que, segundo Pedro Catallo, funcionava com quatro sessões por semana e média de 40 pessoas por sessão, público composto de estudantes, membros de entidades sindicais e trabalhadores. O Laboratório foi um teatro de resistência anarquista contra a ditadura e na ditadura. Uma de suas peças de grande sucesso chamava-se “Os Guerreiros”, de Waldyr Kopesky, que narrava a inútil tentativa de transformar um general num ser humano. Mas além das atividades artísticas, os integrantes do Laboratório se encarregavam também do jornal *O Dealbar*, dirigido por Pedro Catallo; organizaram, em parceria com o Centro Democrático Espanhol e com refugiados da CNT em São Paulo, uma semana comemorativa da Revolução Espanhola com exposição aberta, conferências e encerramento com noite de poesias dedicada à Revolução. Em seguida, organizam uma comemora-

ção sobre a greve de 1917 com a participação de velhos anarquistas, entre eles Edgard Leuenroth.

Com o AI5 em 1968, *O Dealbar* é suspenso. Segundo Jaime, uma edição de 1.000 exemplares, pronta a ser expedida, foi destruída. Em 1969, Pedro Catallo anunciava em jornal a perda, entre as ruas Oriente e Rubino de Oliveira, dos documentos relativos ao CCS. Suas atividades permanecem encerradas até a reabertura democrática em 1985, quando novamente são retomadas com grande entusiasmo. Em abril de 1991, a revista *Isto É* anunciava a reabertura de um “centro cultural libertário no bairro do Brás”. Jaime contava então com 58 anos e dizia que o objetivo dos anarquistas do CCS era o de resgatar e difundir os valores libertários.

O cortejo fúnebre chega no crematório da Vila Alpina. Era 21 de maio de 1998. Da pequena arena o caixão é avistado coberto por uma bandeira vermelha e negra. Desaparecendo em seguida ao som da Nona Sinfonia.

lembro o dia em que conheci cubero

maria oly pey*

Háviamos organizado, nosso grupo de afinidade — eu e alguns alunos de graduação e pós-graduação da UFSC — uma pequena viagem até São Paulo para trocar idéias com educadores que temos no rol de não-autoritários, em função ou de conhecê-los de perto ou de deles ter ouvido falar ou lido a respeito. Curiosidade de “sentir” pedagogias instituintes em funcionamento.

* Professora titular aposentada da UFSC.

Agendáramos um encontro na prefeitura e outro no Centro de Cultura Social.

Apenas para entrar no clima...

Na Prefeitura da cidade de São Paulo recebeu-nos Paulo Freire e sua equipe. Entusiasmados, ansiávamos por discutir com mais gente os possíveis funcionamentos da educação, na esteira do pensamento libertador e libertário. Do *staff* pedagógico, dois se revezavam nos informando sobre como estavam levando à frente uma experiência em cem escolas do município. Ouvíamos, não lembro detalhes, e só o sono ia tomando conta de mim. Olhei para o Paulo com certa inquietação e notei que sua perna cruzada sobre a outra sacudia ligeiramente, o que nele revelava preocupação. Conhecíamos um ao outro, naqueles anos 80, demasiadamente bem para sabermos o que nossas reações corporais indicavam. Meu sono intensificou-se, mas o movimento da perna cruzada do Paulo foi diminuindo, diminuindo, e cessou. Aí eu saí da sala; Guilherme e Ritinha, licenciandos em Química, logo após, quase juntos. Lá fora, Irecê e Êlvio haviam se antecipado à nossa saída. Participando, ficara metade do nosso grupo visitante. Penso que ainda continuam lá.

No Centro de Cultura Social...

Na sala modesta, com cadeiras ruins de sentar, um velhinho ágil, ativo e risonho veio rápido nos acolher. Assim, vimos pela primeira vez o anarquista, um pouco não à vontade com o título de educador que havíamos colado nele. Mãos vazias de documentos “elaborados coletivamente”, nos olhava nos olhos a perguntar de nós, da cidade de onde vínhamos, em que poderia nos prestar algum auxílio. Esquecemos nossas perguntas primeiras para responder as que nos fazia, vivamente interessado, e acabávamos por devolvê-las. Em uma hora, essa conversa já nos tornara íntimos, e a ela se juntou mais duas ou três pessoas que costumavam freqüentar o Centro. E também nos falava ele não do que ensinava, mas do muito que tinha aprendido lendo e compartilhando com ami-

gos, a maioria de mesmo ideário. Contou-nos histórias do sítio onde realizavam atividades em comum, da repressão às publicações do Centro e da luta por manter vivo o acervo cultural em livros anarquistas durante a mais recente ditadura explícita da nossa história, contava dos amigos e dele próprio. Parece que o vejo, apontando apaixonado para uma estante carregada de livros antigos e outros espalhados sobre uma mesa. Com metade daqueles autores, que na sua narrativa já se tornavam meio familiares nossos, tomamos primeiro contato naquela tarde. A sala se enchia de gente saindo das páginas amareladas daqueles livros, no calor da voz do velhinho autodidata. O esvaziamento da manhã dera lugar ao entusiasmo frente ao inusitado da situação. Em meio aos acontecimentos que saltitavam na sala, a película da memória deslizava mais viva e plena de sentido para nós do que o arquivo da experiência pedagógica.

Na academia...

Irecê continuava impactada.

— Oly, eu quero o Cubero na minha banca de dissertação de mestrado!

— Mas o cara não tem títulos acadêmicos, a Universidade não vai financiar... nunca.

— A gente paga a viagem, ele fica na minha casa, ele participa da composição da mesa. Quero ver o que os burocratas vão fazer.

Afinal, era só mais uma das nossas intoleráveis e incompreensíveis atitudes na academia.

E lá veio o Cubero para a UFSC. Mas o velhinho não ia vir só para uma banca de mestrado, é claro. Ele queria colaborar conosco nas atividades do Núcleo de Alfabetização Técnica. A banca era só para satisfazer a Irecê, como ele mesmo dizia. Seu comparecimento foi uma aula de avaliação sem julgamento. Ouvindo atentamente e traduzindo o que ia aprendendo do relato da mestranda, ele jogava luz anarquista na análise foucaultiana da educação escolar

que Irecê desenhara com avidez. Cubero era assim: nos espaços nos quais a maioria pratica a operação de reduzir, ele potenciava. Quando, no final, apareceu uma insinuação da platéia no sentido de objetivar a sua apreciação do trabalho, com simplicidade cristalina Cubero fez observar que, se havia apreendido tanto da dissertação, os doutores haveriam também de gostar.

E lá se foi o Cubero a trabalhar conosco em uma discussão pública, fora dos muros da universidade a partir de uma peça teatral — Bakunin — que havíamos trazido para Florianópolis. Foi durante essa discussão, passeando pela história do movimento anarquista mundial, que um futuro colaborador nosso, Jorge Silva — outro anarquista autodidata — se deu a conhecer para o grupo. Mais uma operação de potenciação, de informação e amizade.

Já passou de uma página, mas...

Recordar Jaime Cubero dá um arrepio em mim. Arrepio de prazer, lembrança doce.

Pena eu não ter conhecido muitos mais anarquistas assim.

Depois do dia em que visitamos o Centro de Cultura, Guilherme não mais se separou das leituras de Ivan Illich. Cubero tinha conseguido conectar o garoto que estudava Química com a instigante obra do autor sobre os caminhos da água na invenção de H_2O . Daí para frente tínhamos em Illich um ótimo companheiro de referência para investigar o que não se deve sequer pensar e muito menos mencionar no âmbito das instituições. E Illich nunca fora anarquista! Mas Cubero, além de anarquista, era principalmente uma pessoa inteligente, desinteressada do poder que as capelas de identidade fazem produzir.

Depois daquele dia, Irecê desacreditou definitivamente dos doutos e das instituições educacionais que o somatório dos seus cinismos reproduz sem cessar.

Por ter conhecido Cubero juntei mais indícios para considerar que há muitos tipos de anarquismos porque há muitos tipos de anarquistas. O anarquismo dele nunca me decepcionou. Ou talvez a integridade dele como ser humano, independentemente de ser ou dizer-se anarquista, é que aderiria rigorosamente à nossa utopia de libertário. O que vale é que Jaime Cubero nos fez melhores em nossas realizações independentes, na afirmação de nossas diferenças anônimas, na força de buscar a auto-sustentação fora do instituído.

Cubero nos foi inspirador. Alguém que fazia crescer em nós a admiração por qualquer pessoa ou grupo que se utilize da cultura libertária para viver sem medo, com alegria e autodeterminação. Pena ele ter morrido. Aposto que ia gostar de vir aqui onde, faz bem dez anos, invento vacúolos de silêncio onde ancorei os pedaços libertários que existem em mim. E juntando memórias com nossos visitantes de afinidade, rir do mundo, porque bastam algumas libertárias existências singulares para revelar ao mundo muito do seu quase todo podre. Esse tipo de anarquista “cuberiano”, vivo ou morto, consegue isto. Então vale a pena registrar suas façanhas para instigar o raciocínio daqueles que não tiveram o privilégio que nós tivemos.

jaime cubero: uma potência singular da anarquia

josé maria carvalho ferreira*

Conheci o Jaime Cubero, na realização do “Encontro do Pensamento Libertário Internacional — Os Outros

* Professor na Universidade Técnica de Lisboa.

500”, realizado em São Paulo, no período de 24 a 29 de Agosto de 1992.

Desde então, até à sua morte em 20 de Maio de 1998, tive oportunidade de partilhar e viver, com ele, momentos inesquecíveis. Cedo percebi-me em reuniões, palestras, conferências, assim como nos convívios na sua vida familiar com a sua companheira de sempre Maria, que estava em presença de um homem, cuja razão de ser decorria da anarquia. Os factores de causalidade deduzidos da minha inteligência intuitiva resultam de duas dimensões básicas que atravessavam o seu carácter: vida quotidiana; militante da anarquia.

Da primeira ilação extraio o carácter humano, ético e moral da sua trajetória biológica e social. Nesta dimensão, a anarquia para Jaime Cubero, antes de mais nada, traduzia-se em relações sociais e relações interpessoais intensas e extensas em quaisquer espaço-tempo da sua vida quotidiana. Quem frequentou a sua casa e quem teve oportunidade de conviver com Jaime Cubero e a sua companheira Maria, como foi o meu caso, compreende o significado do que acabo de dizer. Todavia, esse comportamento comunicacional, afetivo, solidário e livre estendia-se nos momentos de convívio com companheiras e companheiros que emergiam em correlação estreita com o espaço-tempo das reuniões e palestras realizadas no Centro de Cultural Social, em São Paulo, ou em cursos de formação ou colóquios sobre o anarquismo que aconteceram no Brasil e em outros países.

Como militante da anarquia, sublinhe-se a sua ação individual e coletiva de toda uma vida em prol de uma aprendizagem teórica e prática do anarquismo no Brasil.

Neste domínio, na minha opinião, Jaime Cubero era um homem que, desde muito novo, se apercebeu da realidade social, econômica, política e cultural do Brasil assente na miséria, pobreza, opressão e exploração do

homem pelo homem. Ao procurar as razões perversas que estavam na origem dessa realidade, encontrou-as, com naturalidade e espontaneidade, no Estado e no capitalismo. Daqui decorre que grande parte da sua vida tenha sido para reconstruir a COB (Confederação Operária Brasileira) no Brasil, recorrendo para tal ao modelo de militância anarco-sindicalista que tinha sido desenvolvido na Espanha no período de 1936 a 1939. Face ao fracasso das premissas que enformavam o referido modelo, depressa percebeu que as hipóteses de revitalizar a anarquia passavam por um diálogo intenso e extenso entre os diferentes anarquismos que, entretanto, conflitavam entre si e nada mais faziam que se transformar em seitas ou “guetos” e, por essa via, destruir a própria essência de emancipação social preconizada pela anarquia.

Um ano antes de morrer tive a oportunidade de fazer uma entrevista que foi publicada na revista *Utopia*, nº 8. Da história da sua vida e da sua obra extraí uma grande lição: como anarquista sou um aprendiz de Jaime Cubero.

juventude

guilherme corrêa*

Meu primeiro encontro com o Anarquismo se deu no grupo de pesquisa do Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT) da UFSC em 1988, coordenado por Maria Oly Pey. À época, o grupo estava dividido em duas partes: a dos *grandes* formada pelos estudantes de pós-graduação e a dos *pequenos* reunia minha colega Rita e eu, então es-

* Professor na Universidade Federal de Santa Maria.

tudantes de graduação em Química. Os *grandes* preocupavam-se em encontrar uma fundamentação teórica para seus trabalhos de mestrado em educação quando a recorrência a Paulo Freire e à noção de conscientização subjacente a toda sua obra já não satisfaziam mais seu intento de problematizar uma educação livre. Como a grande maioria das pessoas eu também *sabia* o que era anarquismo e não me agradava nem um pouco a idéia de uma educação anarquista, ou seja, na minha cabeça de maioria, de uma educação sem um mínimo de ordem nem hierarquia — esta última, é claro, formada só por pessoas bem intencionadas que fariam a boa orientação dos rumos da educação.

Foi nesse sistema, do qual o jovem estudante universitário que eu era tinha orgulho de participar, que Jaime Cubero interferiu. O sistema com a coerência quase inescapável da responsabilidade bem intencionada, tecido do mal costurado disfarce dos intelectuais de direita e de esquerda nos seus postos de mando, incansáveis em gerir vida dos outros.

E como ele fez isso? De várias maneiras, todas elas com uma particularidade: todas elas maneiras não reativas. Na impossibilidade de falar de várias delas, todas as que tive a alegria de participar, destaco a sua abertura do “Seminário de Educação Libertária” promovido pelo NAT, em 1994. Jaime abriu sua fala evocando a admiração que temos pela arte do bonsai. A beleza das pequenas árvores, algumas centenárias, resulta da arte de inibir seu crescimento atingindo a forma de uma árvore adulta. Felizmente não se tem notícia da aplicação das técnicas do bonsai em seres humanos. Lembrou que, todavia, se uma arte da diminuição física não foi empreendida, nossa sociedade produz em profusão, e delas se mostra orgulhosa, técnicas eficazes na miniaturização emocional, social, intelectual e criativa do homem. A partir daí deu seguimento ao seu tema “educação independente de escola” sublinhando que, da perspectiva libertária, não há formação que não seja

auto formação e que é esse o ponto em que educação e liberdade coincidem. *E o caminho da liberdade, acrescentou, é o da prática da própria liberdade.* Não mais libertar, mas liberar-se.

São dez anos sem ouvir a sua voz, sem ver seu rosto amável, sem ver os movimentos do seu corpo frágil e leve, sempre um corpo de menino. Mas não são dez anos sem rir com ele. Nos encontros com os que o conheceram, nos divertimos muito com a graça de suas palavras. Suas frases nos chegam sempre vívidas e frescas e somos tomados da alegria marota que sempre trazia consigo e acompanha os que o amam e com ele aprenderam os mais generosos, alegres e contundentes sentidos da anarquia.

jaime cubero, uma anarquia brasileira no século 20

edson passetti*

Jaime Cubero fez parte de uma era do Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS) inventada por Edgar Leuenroth, habitada pelo ecletismo intelectual anti-autoritário. Jaime, na companhia de Mario Ferreira dos Santos, ali no CCS, acolheu e formou muitos anônimos contestadores e anarquistas vigorosos como José Carlos Morel e Nildo Avelino, acompanhados pela presença cuidadosa de Antonio Martinez, o vozeirão teatral de Francisco Cubero, e uma familiaridade libertária salutar que hospedava intelectuais, arquivos, publicações, pesquisadores, anarco-punks e um tanto de provado-

* Professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP. Coordena o Nu-Sol.

res da irresistível anarquia. Magro, com seus óculos de lentes grossas, trazia à mão uma lupa para facilitar sua leitura. A visão podia falhar, mas não o lidar com as palavras movidas nas cartas, nos livros, jornais, panfletos ou fanzines e endereçadas a si, às suas sutis reflexões e oferecidas aos anarquistas de todo lugar, a qualquer tempo. O Jaime era bom de anarquia, incluindo comer, beber, rir, ironizar, ensinar, ouvir e sei lá qual palavra que eu perdi. Vou lembrá-la adiante, mas sem lamentos. O lamento não era próprio do Jaime Cubero, nem da anarquia. A memória sim, mesmo quando escapava; por isso montar os arquivos e notar estranhamente como parte dos documentos anarquistas foi parar na universidade; por isso lembrar que há outra parte ainda guardada e protegida. O Jaime sabia porque a resguardava; seus parceiros de defesa também o sabem. O Jaime era uma pessoa boa e livre das transcendências. Fazia no imediato e propiciava. O quê? Um tantão! Gostava de misturar trabalho manual com trabalho intelectual. Valorizava *a anarquia através dos tempos* como Max Nettlau. E se divertia e me entretinha falando de oportunistas, os temporários e os temporões. Essa gente metida a sério. Era um homem de respeito. Fez greve sindical, desprezou os benefícios legais para não virar ostra do Estado e abalou o Jornal O Globo, nos anos 1950. Afirmou a firmeza com leveza e o jornalismo autodidata. Encerrou uma era da anarquia no Brasil.

